

**AMOR EM ISOLAMENTO:
Uma Análise Sobre os Relacionamentos em Tempos de Pandemia Covid-19**

**LOVE IN ISOLATION:
An Analysis of Relationships in Times of Covid-19 Pandemic**

Alessa Lanes Corrêa¹
Arthur de Mello Gonçalves¹
Prof^a Me. Júnia Silveira de Andrade²

¹Graduandos em Psicologia pela Faculdade Santo Antônio de Pádua – FASAP

²Mestra e Orientadora pela Faculdade Santo Antônio de Pádua – FASAP

RESUMO: Neste presente trabalho é abordado o amor, onde escolhe-se como tema o impacto dos relacionamentos frente a pandemia Covid-19 questionando quais foram as consequências trazidas para os desejos amorosos dessas relações interpessoais, que são de grande importância para a sociedade em determinadas culturas, a partir dessa mudança impactada de forma global. Este estudo tem como objetivo analisar de que forma o sujeito conseguiu readaptar os seus desejos durante o período pandêmico, investigando a fonte de origem da onde vem o amor e como é realizada as escolhas das relações do sujeito e o que ele é capaz de fazer para realizar esse desejo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico de base qualitativa de artigos e livros voltados para o tema. Considerou-se no entanto, que mesmo o sujeito reprimindo externamente de cumprir a satisfação do desejo amoroso, ele irá encontrar alguma forma de realiza-lo quer burlando uma norma social ou ressignificando.

Palavras-Chave: Amor; Relacionamento; Pandemia Covid-19.

ABSTRACT: In this present work, love is addressed, where the impact of the movements against the Covid-19 pandemic is chosen as the theme, questioning what were the consequences for the loving desires of these interpersonal relationships, which are of great importance for a society in certain cultures, from the change of that impacted globally. This study aims to analyze how the subject re-adapts his desires during the pandemic period, investigating the source of origin where love comes from and how the choice of the subject's relationships is carried out and what he is able to do to achieve it. that desire. Therefore, a bibliographical research of qualitative basis of articles and books focused on the theme was carried out. It is considered, however, that even the subject externally repressed from fulfilling the satisfaction of the love desire, he will find some way to accomplish it, either by circumventing a social norm or by reinterpreting it.

Keywords: Love; Relationship; Covid-19 Pandemic.

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, a pandemia do Covid-19 gerou inúmeros prejuízos sociais globais e culturais. Dentre eles, afetou a possibilidade das pessoas se relacionarem umas com as outras de forma convencional, pelo simples fato que é através do contato que a propagação do vírus se instaura.

Ao apresentar um trabalho científico sobre a pandemia do Covid-19, atravessa-se em muitos fatores, sobretudo, a possibilidade de escassez científica por ser um assunto muito importante a ser tratado, mas também muito recente, principalmente quando se trata sobre a temática do amor, principalmente dos relacionamentos.

Discute-se o fato de como essas relações são construídas em nossa sociedade a partir da perspectiva do amor e a proporção de como elas foram afetadas pela pandemia e os efeitos colaterais do mesmo se questionando: Até que ponto essas relações foram afetadas?

A presente pesquisa tem como objetivo analisar essa mudança nos relacionamentos durante o período pandêmico. Na qual investiga-se o amor como um fenômeno universal sendo fonte desses relacionamentos, escolhas e impulsos que fazem com que as pessoas se comprometam aos riscos morais-sociais para realizar esse desejo levantando possíveis consequências por suas ações.

A linha metodológica é de cunho qualitativo fundamentado na pesquisa bibliográfica selecionando leitura de artigos e livros para que por fim possa encontrar-se uma consideração. Numa fundamentação psicanalítica, autores como Freud; Lacan; Suy; Bauman, entre outros, são grandes autores que contribuíram para a realização desse trabalho.

Para a construção dos capítulos, foi alicerçada uma perspectiva sobre o amor e os relacionamentos, seguido da escolha que o sujeito faz do seu objeto de amor e o último aborda sobre a pandemia e a posição do sujeito frente a esse desejo. Por fim, segue as considerações finais traçando uma possibilidade hipotética de como pode ser que essas relações fiquem em um período pós-pandêmico.

AMOR E RELACIONAMENTOS

Para se construir um relacionamento necessita-se ter amor ao outro, tendo em vista que o amor é um sentimento universal que engloba todas as pessoas. Não é de hoje que tanto o amor quanto os relacionamentos são um objeto de estudo para a ciência. Martins-Silva; Trindade e Junior (2013, p. 17) relatam que “Os primeiros estudos sobre o amor na Psicologia datam da primeira década do século XX” citando ainda vários autores como exemplos: Freud, Stenberg, Rubin, Hendrick e Hendrick. Tendo assim, inúmeras pesquisas a partir de diferentes perspectivas teóricas, até os dias de hoje o propósito de discutir esse objeto.

Entretanto, não tem como falar de amor sem entender que o mesmo conversa com outros sentimentos como raiva, ciúme, ansiedade, amizade, tristeza, alegria, entre outros.

O amor parte da ideia de um sentimento representado pelo interesse que “cria o desejo de explorar, investigar, buscar, manipular e extrair informações dos objetos que nos cercam, determina o grau de atenção dirigida e facilita a compreensão e memorização da informação, aprimorando a aprendizagem”. (COUTINHO, 2016, p. 106)

Papalia e Feldman (2013, p. 494) apresentam que “os relacionamentos íntimos requerem autoconsciência; empatia; capacidade de comunicar emoções, resolver conflitos e manter compromissos”. Para relacionar-se com o outro deve ter interesse e algum sentimento; e o amor compõe essa esfera. Com isso, o indivíduo passa a se relacionar com os demais. Sendo que desde o momento que o sujeito ingressa na vida humana ele já está se relacionando, sendo cuidado, pois compreende-se que ele é amado pelas suas figuras parentais e todos os entes em seu entorno.

Maslow na década de 40, no Século XX propôs a pirâmide das necessidades, a qual, após as necessidades primárias (básicas e segurança) se encontrava as necessidades sociais a qual tanto o amor, quanto os relacionamentos se enquadram nessa categoria (COUTINHO, 2016).

Partindo para os pressupostos psicanalíticos, o amor pode ser associado a transferência, que segundo Freud (1915/2010), ela nada mais é do que fenômeno intrínseco de amor universal, ou seja, ele acontece na vida cotidiana constantemente, melhor dizendo, não é exclusivo da psicanálise.

O amor de transferência possui talvez um grau menor de liberdade que o amor conhecido como normal, que sucede na vida, deixando reconhecer mais a dependência do padrão infantil, mostrando-se menos flexível e capaz de modificação, mas isso é tudo e não é o essencial. Em que mais devemos reconhecer a autenticidade de um amor? Na sua eficiência, sua utilidade para atingir a meta amorosa? Nesse ponto o amor de transferência não parece ficar atrás de nenhum outro; temos a impressão de que dele poderíamos conseguir tudo. (FREUD, 1915/2010, p. 168).

Partindo dessa ideia, Freud (1915/2010) apresenta duas definições para a transferência onde pode-se observar a repetição de padrões de relacionamentos e a expressão da relação com a falta que conflita as modalidades da relação objetal do sujeito.

Num ponto de vista cultural e social, “as formas humanas de amar são influenciadas pelo processo de socialização, e revelam a importância de considerar a cultura e as crenças na proposta de compreensão do amor” (MARTINS-SILVA; TRINDADE; JUNIOR, 2013).

Indivíduos de culturas diferentes experimentam o amor diferentemente, porque o amor seria construído socialmente, um constructo multidimensional que inclui comportamentos, sentimentos e pensamentos. Portanto, o amor seria uma experiência emocional que muda de acordo com o ambiente social. (SHIRAMIZU; LOPES, 2013, p.57)

Cada sociedade e cultura exercem um valor e uma crença específica, entretanto não tão distinta, já que relacionar e amar caminham de mãos dadas, pois “o amor é mais do que um estado, ele pode ser visto como atos, os quais, no passado, teriam servido a funções ligadas ao sucesso reprodutivo do indivíduo”. (SHIRAMIZU; LOPES, 2013, p. 57)

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

Segundo Paligari e Souza (2019, p. 5), o indivíduo está sempre em busca de se relacionar integralmente com o outro, com a finalidade de tornar esses dois sujeitos em um, entretanto ocorre uma extinção das diferenças em que o sujeito se depara com a própria falta.

Para amar e desejar é necessário reconhecer a falta e no amor se faz uma tentativa de tapar essa falta e causa uma sensação ilusória de que isso é possível. Produzimos um jogo de enganos, pois nunca se acha de fato essa completude, o "Um". (PALIGARI; SOUZA, 2019, p. 5)

Partindo dessa ideia, no amor há várias metáforas criadas pela sociedade como forma de simbolizar o sentimento abstrato com o objetivo de torna-lo concreto, onde o sujeito tenta encontrar a metade da sua laranja, a sua alma gêmea, ou o encaixe perfeito, por exemplo, com a finalidade de suprir a falta. (PALIGARI; SOUZA, 2017).

Entretanto, Paligari e Souza (2019, p. 4) já contrastam a ideia afirmando que "nós seres humanos, não podemos nos encaixar perfeitamente, ou seja, não existe alma gêmea, metade da laranja e afins. Acabamos descobrindo que o que nos falta, o outro não tem para oferecer.". Portanto, corre o risco do sujeito estar à disposição do outro influenciando assim uma dependência e alienação.

O sujeito fica aprisionado no outro e pode não suportar isso. Nos deparamos com isso em situações clínicas aonde o sujeito entra em sofrimento por esse aprisionamento, essa colagem, construindo algumas fantasias de perda que podem levar a conflitos ou uma separação, algo que forje uma hiância na relação para que recoloque a falta novamente e o amor possa se refazer nesse engano ou o rompimento é inevitável. Isso acarreta outro sofrimento, pois a perda do objeto acarreta uma perda de um pedaço de si mesmo. (PALIGARI, SOUZA, 2019, p. 6)

Seguindo a citação acima, nota-se que a fantasia é o elemento que fortalece essa dependência e alienação. Ao mesmo tempo prevalece no curso do relacionamento que segundo Foschesatto (2011, p 2), "a fantasia é um recurso utilizado na satisfação parcial de um desejo inconsciente cuja satisfação foi frustrada".

Antes do sujeito relacionar-se com o outro ele se relaciona com a fantasia, e essa fantasia é uma partícula criada dentro de nós mesmos, pois “o que o sujeito ama no outro é um traço de si mesmo que remete à sua própria falta, e sobre essa falta se constrói a fantasia.” (PALIGARI; SOUZA, 2019, p. 6)

Considerando os conteúdos apresentados nesse capítulo, nota-se necessidade de analisar os relacionamentos do ponto de vista desse fenômeno que chamamos de amor. Entretanto, incapacita-se a possibilidade de relatar essas perspectivas sociais, culturais e até mesmo psicológicas de forma isolada, uma vez que ambos elementos “amor e relacionamentos” estão em conjunto.

A ESCOLHA DO OBJETO DE AMOR

Quando se fala de objeto em psicanálise, articula essa concepção com as pulsões e os seus componentes que de acordo com as literaturas psicanalíticas diz que o objeto é a “relação ao qual ou pelo qual a pulsão é capaz de atingir a sua finalidade”. Além disso, o Objeto, não se restringe a parcialidades ou totalidades, ou seja, ele pode servir ao mesmo tempo para várias pulsões, além de que não se restringe “a presença de algo ou alguém que está alheio ao indivíduo; assim, o próprio corpo, pode servir ao mesmo tempo como uma fonte e como um objeto da finalidade pulsional”. (ZIMERMAN, 2010, p. 77).

Freud, em Introdução Ao Narcisismo (1914), irá se referir “as noções de equivalência e desequilíbrio energéticos” que são utilizados para descrever a escolha do objeto amoroso. (FERREIRA, 2004, p 13).

No início, as pulsões sexuais e as pulsões do eu (pulsões de autoconservação) se misturam, tendo portanto a mesma quantidade de libido. Quando elas se separam, a bipartição da libido pode ser feita de forma desequilibrada: uma certa quantidade de libido retirada dos objetos é investida no eu, ou uma certa quantidade de libido retirada do eu é investida nos objetos. Esse deslocamento da libido determina duas escolhas do objeto amoroso: narcisista e analítica (de ligação). Estas guardam vestígios de dois tempos. Um tempo primitivo, classificado de autoerótico, em que ainda não se constituiu a separação entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu. Outro tempo denominado de fase objetal, em que essas pulsões se separam. (FERREIRA, 2004, p 13)

Dessa forma, os pressupostos Freudianos consideram que o primeiro objeto de amor do indivíduo é o seio da mãe. O bebê já ingressa na sua primeira forma de relacionamento que é através do contato com a mãe, por meio do seio, durante a amamentação com o objetivo de atingir a satisfação. Com isso há uma construção estabelecida nessa relação, o que a torna um modelo padrão de todo relacionamento amoroso. Entretanto, no texto “Três Ensaios da Sexualidade”, Freud vai dizer que esse contato na verdade é uma redescoberta. (FREUD, 1905/2017, p. 143)

Outro ponto a ser destacado, nas primeiras experiências de amor é o complexo de Édipo, cujo é considerado “um imenso despropósito: é um desejo sexual próprio de um adulto, vivido na cabecinha e no corpinho de uma criança de quatro anos e cujo objeto são os pais.” (NASIO, 2005, p. 10)

Considera-se que o complexo de Édipo é estabelecido através de uma transferência que a criança tem com um dos progenitores abrangendo tanto “atitudes positivas (afeição), quanto atitudes negativas (hostis) para com o analista que, via de regra, é colocado no lugar de um ou outro dos pais do paciente, de seu pai ou de sua mãe” (FREUD, 1905/2016, p. 123).

Partindo desse pressuposto, a criança passa a ter o pai ou a mãe, dependendo do gênero, como objeto sexual propriamente dito. Entretanto, a criança começa a perceber a inserção de um terceiro objeto nessa relação, a qual ela considera uma ameaça ao seu relacionamento devido ao poder que essa figura propriamente dita tem (ZIMERMAN, 2010).

Ele abre caminho para a triangulação, ou seja, permite a inclusão de um terceiro (pai) que, ao interpor-se na díade mãe-filho, possibilitará à criança o indispensável processo de renunciar à possessividade onipotente e aceitar as diferenças de sexo, geração e potência, em comparação com os pais, assim como, também, reconhecer que estes são relativamente autônomos e têm os seus próprios espaços. (ZIMERMAN, 2010, p. 95)

Sendo assim, a criança passa a reprimir esse desejo do objeto do seu progenitor, para que assim, o período de latência ocorra. Transferindo, então, para outras pessoas.

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

Sendo assim, novos objetos de amor surgem para que assim ela possa ampliar sua fonte de desejo (ZIMERMAN, 2010).

Ao longo de todo o período de latência, a criança aprende a amar outras pessoas - que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades -, inteiramente segundo o modelo e em prosseguimento da sua relação de lactente com a nutriz. Talvez haja relutância em identificar com o amor sexual os sentimentos de afeição e estima que a criança tem por aqueles que dela cuidam, mas penso que uma investigação psicológica mais precisa poderá estabelecer essa identidade além de qualquer dúvida. Para a criança, o trato com a pessoa que dela cuida é uma fonte contínua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas, ainda mais porque essa - que geralmente é a mãe - dedica-lhe sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: acaricia, beija e embala a criança, claramente a toma como substituto de um objeto sexual completo. (FREUD 1905/2017, p. 143-144)

Para Papalia e Feldman (2013, p. 494) “Erikson considerava o desenvolvimento dos relacionamentos íntimos a tarefa crucial no período adulto jovem.” Ou seja, quando o sujeito alcança a maturidade, o indivíduo começa a eleger pessoas as quais ele quer que façam parte de sua vida.

A necessidade de estabelecer relacionamentos fortes, estáveis, estreitos e carinhosos é um forte motivador do comportamento humano. As pessoas se tornam íntimas – e permanecem íntimas – por meio de revelações compartilhadas, receptividade às necessidades do outro e aceitação e respeito mútuos. (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 494).

Isto é, essa necessidade de ser amparado pelo outro motiva a forma que o indivíduo se coloca diante a sociedade, pois é “o desamparo que funda o laço social, visto que o sujeito em estado de desamparo recorre ao Outro.” (SUY, 2014, p. 20).

Através da fala da autora supracitada, pode-se ponderar o conceito de *Das Ding* o qual “é o elemento que é originalmente isolado pelo sujeito em sua experiência do Outro como sendo, por sua natureza, estranho” (LUCERO; VORCARO, 2009, p. 238).

Esse objeto estará aí quando todas as condições forem preenchidas, no final das contas – evidentemente, é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando (LACAN, [1959/60]/1999, p.69).

Ferreira (2004, p.15) levanta um questionamento muito importante sobre a supervalorização do Outro, pois a mesma investe na identificação e idealização fazendo com que objeto de amor seja colocado no ideal do Eu, em que é postulado que “Na escolha amorosa, pela via identificação, o objeto, por ter sido perdido ou abandonado, tem as suas propriedades incorporadas pelo Eu. Essa introjeção opera uma transformação parcial no Eu, segundo o modelo do Objeto perdido.” Ou seja, “só há identificação quando o Objeto é perdido?”

É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se o procura. Existe aí uma distância fundamental, introduzida pelo elemento essencialmente conflitual incluído em toda busca do objeto. Esta é a primeira forma sob a qual, em Freud, aparece a relação de objeto (LACAN, [1956/57]/1995, p.13)

Isto é, pode se considerar que a partir do momento que o sujeito perde um Objeto, ele vai em à procura de outro com o objetivo de uma satisfação daquele desejo, o qual ele é indestrutível, pois “Não há objeto que satisfaça o desejo, mas apenas objeto que o causa. Assim, o que sustenta um desejo é o impossível de satisfazê-lo. Enquanto a demanda pretende suturar a falta no Outro, o desejo pretende manter o Outro faltante.” (SUY, 2014, p. 23)

PANDEMIA DE DESEJOS FRUSTRADOS

No ano de 2019, o Covid-19, mais conhecido popularmente como Coronavírus, foi detectado como um surto de insuficiência respiratória na cidade de Wuhan, na província da China Central. Logo em seguida, ele se disseminou nos lugares rapidamente, e em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou esse vírus como pandemia devido a facilidade e aumento de contágio, a falta de informação e o desconhecimento sobre o vírus (FARO, *et.al.* 2020).

Com isso, foram adotadas algumas medidas sanitárias preventivas para a população

não propagar ainda mais o vírus. Dessa forma, um dos métodos de prevenção mais priorizado, além do uso de máscara e o hábito frequente da higienização das mãos, foi o distanciamento social, promovido por uma quarentena. “Isso resulta, por exemplo, na recomendação de não se reunir em grupos e evitar lugares cheios e aglomerações.” (FARO, *et.al.* 2020).

Frente às repercussões psicológicas que o distanciamento social pode promover, algumas medidas podem ser tomadas para que ele se torne o menos danoso possível. O tempo mínimo indicado para a quarentena tem sido de duas semanas, que é o período de incubação do vírus da COVID-19. Ainda que esse período seja estendido, é importante que ele dure, dentro do necessário, o mínimo possível para ser menos nocivo à saúde mental (BROOKS *et al.*, 2020)

Por consequência, o distanciamento social/quarentena além de proteger o sujeito contra uma possível contaminação, afetou os relacionamentos interpessoais e sociais de modo tanto positivo quanto negativo. Isso resultou em grandes reações os quais conflitam com os padrões de relacionamento que o indivíduo está acostumado a viver socialmente (BRASIL, 2020).

De forma geral, as pandemias estão relacionadas a perdas, tanto da rotina, do contato social, do equilíbrio financeiro, bem como de vidas humanas (CREPALDI *et al.*, 2020). Neste sentido, os autores apontam que a pandemia da COVID-19 pode ser vista como uma alteração, no ponto de vista epidemiológico e psicológico, e que o isolamento social fomenta mudanças de comportamentos emocionais e cognitivos, uma vez que é comum o sujeito experimentar essas alterações nesses eventos. (PEREIRA; SOBRAL, 2021, p. 16)

Em razão do propaga do vírus, foi promovido o isolamento social, o que resultou numa suspensão indeterminada de atividades externas. Com essa proibição, pode-se retomar a ideia do conceito psicanalítico de “castração” que nada mais é que “a aceitação da quebra de um certo sentimento de onipotência que o Eu insiste em sustentar, na relação imaginária com o Outro. O isolamento social, castrou a ideia de que o sujeito está no controle de tudo” (PREUSS; PEROTTI; SHUCK *apud.* SANCHES, 2020, p. 4).

Ainda no mesmo artigo, os autores supracitados apresentam na perspectiva de Sanches (2010) outros apontamentos que podem ser considerados:

É no terror da angústia criada pela castração e repressão, que habitam a gênese das manifestações neuróticas. Medos, fobias e sintomas diversos, que surgem no plano consciente, são efeitos de conflitos nas tentativas de defesa contra a emergência desta angústia que parece insuportável. Porém, como já citado anteriormente, do ponto de vista da psicanálise, para que se possa desejar é necessário que haja falta (PREUSS; PEROTTI; SHUCK, 2020, p. 5).

A partir desse pensamento correlacionado a angústia, considera-se que é um sintoma que o sujeito se atrela ao Objeto. No entanto, essa relação de angústia só ocorre quando esse sujeito é barrado de seus desejos direcionados ao Objeto e com isso a angústia sinaliza sua manifestação. Mediante a isso, o sujeito se perde na angústia por esse afeto apenas ser compreendido como sinal do real (VIOLA; VORCARO, 2009, p. 878).

Devido a isso, para não perder esse objeto, o sujeito passa a recorrer a outras formas para sustentar a permanência do mesmo, o que vemos no recurso tecnológico, como por exemplo as redes sociais, que tem auxiliado bastante na comunicação entre as pessoas apontando a necessidade de compartilhar o sofrimento de estar em confinamento (JUNIOR; SILVA JUNIOR; COUTO, 2020).

Entretanto, só esse meio de realização de desejo não é o suficiente para o sujeito estar com o seu objeto de amor, pois ainda compete a existência de uma falta e com isso há uma insatisfação da parte do sujeito, fazendo com que ele crie estratégias em busca dessa satisfação imediata. (SANCHES, 2010).

O desejo da pessoa de ver o objeto de amor é tão angustiante que chega ao ponto de ameaçar tanto o Eu quanto o Objeto a risco da própria vida. Bauman (2004, p. 20) irá reputar que a essência do desejo "é um impulso de destruição. E, embora de forma oblíqua, de autodestruição: o desejo é contaminado, desde o seu nascimento, pela vontade de morrer. Esse é, porém, seu segredo mais bem guardado — sobretudo de si mesmo." Estar em isolamento causa sofrimento, sobretudo, causa mais sofrimento não estar com o seu objeto de amor e isso causa um adoecimento psicológico, no qual para fugir do mesmo,

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

ele recorre a confrontar esse isolamento escapando do mesmo, quebrando essa quarentena.

Se eu amo alguém, ela ou ele deve ter merecido de alguma forma... "Eles o merecem se são tão parecidos comigo de tantas maneiras importantes que neles posso amar a mim mesmo; e se são tão mais perfeitos do que eu que posso amar neles o ideal de mim mesmo..." (BAUMAN, 2004, p. 70)

Devido a isso, o sujeito vai em busca desse escapismo consciente ou não de que está moralmente corrompendo uma norma estabelecida, desleixando-se de si mesmo em prol do outro, do seu objeto de amor. Mas, realizando esse desejo, ele estaria automaticamente fazendo mal a outros sujeitos além de si e do objeto de amor, com a finalidade de se defender da angústia, sem levar em conta as consequências de que suas ações contribuem mais ainda à propagação do vírus. (ZIMERMAN, 2010, p. 255).

Por não aceitar a realidade ao seu redor e cometer tal infração, o sujeito é visto pelo outro, que não faz parte de sua escolha de objeto, como alguém ruim, psicanaliticamente falando, um ser perverso. Sendo que o sujeito está apenas querendo se livrar da insuportável dor de estar distante do seu objeto de amor.

O fato de o sujeito ser perverso não implica necessariamente uma perversidade, nem que toda perversidade é decorrente de uma estrutura perversa, nem tampouco ainda um triunfo sobre o outro, mas a impossibilidade de suportar o questionamento subjetivo em função do desmentido da castração. Esta escolha do sujeito é decorrente do horror frente ao perigo real da castração, provavelmente em função da maior dificuldade em munir-se da angústia para suportar o encontro com o real. Isso é tão desesperadamente real que é preferível desmenti-lo. (ALBERTINI, 2005, p. 357)

Por consequência dessas irregularidades causadas pelo sujeito em busca da sua insaciável vontade de estar com seu objeto de amor, o ano de 2020 se findou com o aumento de mais de 7 milhões de casos confirmados e quase 200.000 mortes. (G1, s/p)

A pandemia de COVID-19 vem produzindo repercussões não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias. Dessa forma, será de extrema relevância que se tenha um plano nacional de vacinação para organizar toda a logística de execução da campanha, visando a que ela seja exitosa independentemente de que instrumentos ou fontes de recursos sejam utilizados para a aquisição de todos os tipos de vacinas que estarão disponíveis no território nacional. (DOMINGUES, p 5, 2021)

Apesar disso, em 2021, o Brasil avançou nos resultados nos testes dos experimentos com as vacinas e começou a promover medidas que pudessem promover a vacinação da população nacional. O que causou um impacto na sociedade de retomar a sua rotina sem limitações, causando uma esperança no sujeito de poder novamente realizar seus desejos sem nenhuma restrição.

O presidente tem enfraquecido e deslocado o debate público sobre acesso às vacinas, afirmando que, em seu governo, as vacinas serão tratadas como uma questão de escolha individual. Se a ausência de políticas de combate ao avanço da pandemia, o negacionismo científico e o reforço de teses conspiratórias marcaram os contornos da pandemia no Brasil, assim também tem ocorrido com relação às vacinas (CASTRO, 2021, p.2.)

Com o passar do tempo, o plano de vacinação foi colocado em prática e aos poucos as pessoas foram sendo vacinadas de acordo com o cronograma estabelecido pelo sistema único de saúde (SUS) do município de cada estado nacional. E devido a isso, o sujeito acaba acreditando que esse instrumento, a vacina, é uma segurança concreta para retomar a realização dos seus desejos (BRASIL, 2021, p. 55).

Segundo os dados de Setembro de 2021, 65% da população brasileira apenas recebeu a primeira dose da vacina contra a Covid-19, enquanto 35% receberam a segunda dose (G1, 2021, s/p).

Entretanto, cabe afirmar que mesmo com o programa de vacinação em progresso, o sujeito ainda comete o descaso de burlar o protocolo de prevenção imposto desde o início da pandemia, acreditando que mesmo vacinado ele está imune ao vírus e pronto para realizar os seus desejos e ir em direção ao objeto de amor de acordo com sua

respectiva vontade, acreditando que a normalidade está prestes a voltar. Sendo que a mesma fonte onde se traz os dados da vacinação é a mesma que traz a informação de que o Brasil alcançou 21 milhões de casos confirmados.

Mas o que seria amar o outro se há outras pessoas que perderam os seus amores? Compreende-se de fato que a pandemia afetou muitas pessoas e ainda continua afetando a sociedade constantemente.

Tendo em mente a reação insolidária de muitos marcada pelo aumento do desemprego e a da fome de muitíssimos, vivemos uma situação extrema: a do despreparo e insensibilidade de muito de nossos governos, do egoísmo de nossas classes dominantes, renegando o valor superior que devem ter coisas simples e que são imprescindíveis, todas já positivadas em nossas constituições contemporâneas – como o fundamento do valor social do trabalho –, que nos parece que se fossem atendidas não correríamos tantos riscos e nem teríamos tantos mortos e desamparados: um serviço público de saúde competente e com verbas públicas para atender a todos; um mercado abastecido com bens de primeira necessidade a um preço justo evitando as especulações oportunistas de uns poucos explorando os mais vulneráveis; uma moradia confortável e interconectado com o mundo – já que a grande maioria quando lar tem vive desconfortavelmente em péssimas condições para o suposto isolamento social; a proteção do emprego uma vez que fossem atendidas as garantias constitucionais do trabalho; uma educação em direitos humanos e cidadania na qual as pessoas soubessem distinguir políticos que defendem os interesses públicos e instituem políticas públicas sociais para todos dos políticos que defendem interesses privados e estão na vida pública somente para enriquecer, e que sempre são os trabalhadores e os mais pobres que pagam a conta, lembrado aqui de algumas célebres frases do Papa Francisco. Enfim, uma Sociedade melhor e mais preparada para as adversidades. (GARCIA, 2020, p. 79-80)

O sujeito sustenta a esperança através da fantasia de um futuro pós-pandêmico de que as coisas voltarão exatamente da mesma forma onde pararam, sendo que ainda não sabe “o que acontecerá e toda previsão se mostra desnecessária e é mera especulação. Com o passar dos meses de pandemia, foi visto que de todas as piores previsões têm sido as pateticamente as mais simplistas e otimistas” (GARCIA, 2020, p. 82).

Entretanto, talvez reforçar a compreensão de que esse otimismo deveria ser deslocado para outro lugar, outro objeto, outro amor. Ainda que não seja o objeto de amor almejado, mas que, de alguma forma, poderia encontrar a possibilidade de satisfação, ainda assim sempre haverá falta.

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

Deveríamos aproveitar a oportunidade para aprender algumas lições e pensar em preparar para um futuro melhor, mais humano com mais alteridade e mais solidário com o que sofre – com o excluído, com o invisível para as elites governantes – e com mais empatia com o enfermo. Uma vez que foi somente uma elite econômica que pôde ficar confinada e agora com o passar dos meses da crise sanitária vivemos a continuação de uma horrorosa crise econômica na qual a maioria da população mundial se vê com muitas dificuldades para cobrir suas necessidades mais básicas como, por exemplo, comer. (GARCIA, 2020, p. 79)

Portanto, todo o caos encontrado dentro do desejo do sujeito foi cegado pelas consequências trazidas pela pandemia e a angústia pela satisfação desse desejo levou ao mesmo cometer uma série de atitudes insensatas que de certa forma existia uma gravidade. O sujeito ainda tem dificuldade em controlar a força dos seus desejos pelo Outro e com isso acaba ultrapassando alguns limites existentes para realiza-los quer esteja numa pandemia, quer não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o sujeito é um ser carente permeado por faltas e fantasias, por isso deposita no outro a ideia de que há uma satisfação única, uma completude. E isso se intensificou com os efeitos causados pela pandemia Covid-19.

Vale salientar que o sujeito é um ser que precisa estar em convivência com os demais, não apenas por uma questão de relacionar-se afetivamente, mas também para uma questão de sobrevivência, uma vez que há vários tipos de relações, além das amorosas, que não fazem parte dessa pesquisa, mas não descarta-se a existência ainda que não fossem tratadas.

Entretanto, o sujeito prioriza essa necessidade a partir do momento em que algo bloqueia essa possibilidade, que no caso é o isolamento social, o que faz com que ele burle as normas sociais impostas em busca dessa satisfação, um pouco que exagerada. No entanto, ele tem a oportunidade de ressignifica-las, caso consiga.

Observa-se que com a chegada da pandemia e o estabelecimento da quarentena, houve muitas alterações nos relacionamentos as quais irão perdurar futuramente e que

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais

ISSN: 2359-5256 (Online)

ainda não se tem dimensão exata. Pelo fato de que a pandemia ainda está presente no período em que a pesquisa foi realizada.

Não se sabe como será o depois, quando essa pandemia acabar, ou quando a sociedade irá deixar de usar máscaras nas ruas, por exemplo, mas uma coisa é certa: o sujeito ainda vai existir, assim como o seu objeto de amor e desejo também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTINI, Sônia. A Perversão, o desejo, a pulsão. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 341 -360, set. 2005

BAUMAN, Zygmunt (2004). **Amor Líquido–Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

BRASIL, **Ministério da Saúde Boletim Epidemiológico Especial - Doença pelo Novo Coronavírus - Covid-19**. Versão 1, Setembro de 2021, Brasília: Autor. Recuperado de: https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/setembro/10/boletim_epidemiologico_covid_79_1final10set_reduzido.pdf Acesso em 13. Set. 2021.

_____, **Ministério da Saúde Plano de contingência nacional para infecção humana pelo novo Coronavírus 2019-nCoV: centro de operações de emergências em saúde pública (COE-nCoV)**. Brasília: Autor. Recuperado de <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/07/plano-contingencia-coronavirus-preliminar.pdf>. Acesso em 26 de Abril de 2021

_____, **Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra Covid-19**. **Brasília: Autor**. Recuperado de <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/guias-e-planos/plano-nacional-de-vacinacao-covid-19/view> Acesso em 10 de Set de 2021

BROOKS, Samantha K; WEBSTER, Rebecca K; SMITH, Louise e; WOODLAND, Lisa; WESSELY, Simon; GREENBERG, Neil; RUBIN, Gideon James. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, [S.L.], v. 395, n. 10227, p. 912-920, mar. 2020. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(20\)30460-8](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(20)30460-8).

CASTRO, Rosana *et al.* Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia?. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 1-5, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312021310100>.

COUTINHO, Cleunice do Carmo. **Psicologia da Motivação e Emoção** 1 ed. Rio de Janeiro, SESES, 2016.

DOMINGUES, Carla Magda Allan Santos. Desafios para a realização da campanha de

vacinação contra a COVID-19 no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. 2021, v. 37, n. 1 [Acessado 14 Setembro 2021], e00344620. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00344620>

FARO, A., Bahiano, M. A., Nakano, T. C., Reis, C., Silva, B. F. P., Vitti, L. S. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 37, e200074. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>

FERREIRA, Nádida Paulo. **A Teoria do Amor na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

FOSCHERATTO, Waleska Pessato Farenzena. **Fantasia em Freud**. Rio Grande do Sul. Círculo Psicanalítico, 2011.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios Sobre a Sexualidade (1905)**. Obras Completas. V 6. Companhia das letras, 2016.

_____. **Observações Psicanalíticas Sobre Um Caso De Paranoia Relatado Em Autobiografia (“O Caso Schreber”), Artigos Sobre Técnica E Outros Textos (1911 – 1913)**. 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2010

_____. **Introdução Ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos (1912-1914)**. Obras Completas. V. 12. 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras.

[G1, Brasil ultrapassa 21 milhões de casos registrados de Covid; média móvel de mortes completa 3 semanas em queda. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/09/13/brasil-ultrapassa-21-milhoes-de-casos.html> Acesso em: 13.set.2021](https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/09/13/brasil-ultrapassa-21-milhoes-de-casos.html)

GARCIA, Marcos Leite. A PANDEMIA DA COVID-19 E O FUTURO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: algumas reflexões sobre lições para o amanhã. **Revista de Teorias da Democracia e Direitos Políticos**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 76, 23 dez. 2020. Conselho Nacional de Pesquisa e Pos-Graduação em Direito - CONPEDI. <http://dx.doi.org/10.26668/indexlawjournals/2525-9660/2020.v6i2.7084>.

LACAN, Jacques. (1956-1957). **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques (1959-1960). **O seminário: livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

MARTINS-SILVA; Priscilla de Oliveira; TRINDADE Zeide Araújo; JUNIOR Annor da Silva. **"Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social."** *Psicologia: ciência e profissão* 33.1 (2013): 16-31. Acesso 09 de Maio de 2021

NASIO, J-D. **Édipo - O Complexo do Qual Nenhuma Criança Escapa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

PAGLIARI, Danieli; SOUZA Tania Mara de. **O Amor e Seus Desdobramentos.** Unijuí, Rio Grande do Sul, p. 1-12, 09.mai.2019.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PEREIRA, Celso Venter; SOBRAL, Karla Roberta Luna. OS LUTOS REAL E SIMBÓLICO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE. **Repositório Institucional**, São Paulo, 2021. Disponível em: <http://200.229.206.179/handle/123456789/640> Acesso em: Ago. 2021

PREUSS, F. C.; PEROTTI, E. D.; LUIS SCHUK, A. E COMO FICAM NOSSOS DESEJOS? UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A PANDEMIA DO COVID-19. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**, [S. l.], v. 5, p. e24162, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/24162>. Acesso em: 24 Ago. 2021.

SANCHES, Pedro. **A alteridade na conceituação freudiana de desejo e pulsão.** São Paulo, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000400009>. Acesso em: 24 de Ago. 2021.

SHIRAMIZU, Victor Kenji M.; LOPES, Fívia de Araújo. A Perspectiva Evolucionista Sobre Relações Românticas. **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 1, n. 24, p. 55-76, 04 mar. 2013.

SILVA, Jeane Felix da; SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da; COUTO, Edvaldo Souza. Amor, sexo e distância física. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 58, p. 1-25, 16 out. 2020. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. <http://dx.doi.org/10.21680/1981-1802.2020v58n58id21741>.

SUY, Ana. **Amor e desejo: Um estudo psicanalítico.** Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014. Disponível em:

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37140/R%20-%20D%20-%20ANA%20SUY%20SESARINO%20KUSS.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: Julho de 2021.

VIOLA, Daniele Teixeira Dutra; VORCARO Ângela Maria Resende. A Formulação do Objeto *a* a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p 867-903, set. 2009.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos - Teoria, Técnica e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2010.